

Aula 8

LINGUAGEM E MÍSTICA MEDIEVAL

META

Entender a influência do neoplatonismo na Idade Média e descrever o método filosófico de abstração e intuição intelectual denominado Apofatismo. Saber distinguir a linguagem apofática da teologia afirmativa e simbólica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Identificar a importância do método apofático para o estudo da ontologia medieval.

PRÉ-REQUISITOS

Filosofia Antiga

Nilo César Batista da Silva

INTRODUÇÃO

O esplendor da filosofia patrística situa-se entre o Concílio de Nicéia (325) e a queda do império romano do Ocidente (476). Nessa época identificamos Gregório de Nissa como referência do saber especulativo na Escola da Capadócia, especialmente nas questões relacionadas a antropologia e a escatologia; O Capadócio também recebe bastante influência da filosofia neoplatônica. A linguagem apofática mesmo antes da descoberta dos textos de Dionísio Pseudo-Areopagita torna-se uma peça chave da teologia cristã, mas, somente no final do século V que a teologia apofática se destaca, logo, marcada por um conjunto de escritos atribuídos ao desconhecido filósofo chamado Dionísio, Pseudo-Areopagita que utiliza a via negativa como forma de ascensão ao Princípio de todas as coisas, o Uno. Sob esse pseudônimo prestigioso, o Pseudo-Areopagita que esses escritos desempenharam um papel importante na filosofia medieval.

Os escritos de Dionísio são mencionados oficialmente pela primeira vez através do monofisista Severiano e também por meio do bispo de Éfeso, Hipásio numa conferência proferida durante seu encontro com os cristãos da calcedônios, realizado em Constantinopla no ano 532. Percebe-se a riqueza de conteúdo desses escritos, mas não há como afirmar com exatidão a data de composição do *corpus dionysianum*, estudos recentes tentaram situá-los entre a morte de Proclo (485) e o registro das primeiras referências conhecidas, que são de 533 presumivelmente elaborados na Síria. (Por isso, alguns historiadores identificaram o Pseudo-Dionísio como sendo Pedro Fullo, discípulo de Proclo que foi patriarca de Antioquia entre 471 e 485 e faleceu por volta de 488). Outros estudos o figuravam como sendo de um Dionísio Presbítero da Igreja de Antioquia, associavam-se também ao Presbítero Timóteo, o que fez pensar no Dionísio ateniense que se converteu ao ouvir o discurso de Paulo no Areópago (At 17, 34).

Somente no período do Renascimento, por mérito de Lourenço Valla e de Erasmo que as controvérsias sobre o nome de Dionísio o Pseudo-Areopagita foi esclarecida de modo decisivo. Posteriormente, pesquisadores, identificaram estreita relação das obras de Proclo com o *corpus dionysianum*, sobretudo os escritos sobre a Existência dos males, de Proclo, relacionados ao quarto capítulo dos *Nomes divinos*, que foi dedicado ao problema do mal por Dionísio. Através desses estudos identificaram que Dionísio deveria ser, portanto, um contemporâneo de Proclo ou talvez um pouco posterior a ele. A partir desse momento, Dionísio Pseudo-Areopagita foi considerado para a filosofia medieval um autor incontornável que teve uma notável influência como legado da terminologia e dos conceitos fundamentais da filosofia de Plotino (205-270), também por reproduzir alguns textos de Proclo na mundividência medieval.

A influência que Dionísio recebe da teologia de Proclo não se limita apenas à retomada, por parte dele, de várias doutrinas e expressões de Proclo, mas também, a termos técnicos precisos no vocabulário de Proclo que suspeitam a existência de vínculos objetivos entre os dois autores. De fato, as obras de Dionísio contribuíram bastante para a filosofia e teologia ao longo do medievo, tendo em vista que alguns filósofos medievais, tais como, Alberto Magno e Tomás de Aquino se ocuparam em produzir comentários especificamente a *Teologia Mística* e o *De divinis nominibus*. De tal modo, percebemos claramente na teologia de Tomás de Aquino traços da angeologia de Dionísio, reverberações dionisianas de conceitos como o princípio de continuidade metafísica e a ideia de difusão do bem.

LINGUAGEM E MÉTODO DE DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA

O pensamento do Pseudo-Areopagita exerce uma grande influência sobre a teologia medieval. Seus escritos foram estudados pelos escolásticos, que enxergavam nele o mestre de mais excelso misticismo. Com efeito, foi por meio de Dionísio que a filosofia neoplatônica se inseriu na alta Escolástica e no Ocidente. Torna-se relevante notar que Dionísio não chegou a elaborar uma teoria completa sobre as provas da existência de Deus, assim como Anselmo de Cantuária, Tomás de Aquino, não obstante, a sua obra nos permite estabelecer três modalidades ou métodos de linguagem como via de acesso ao conhecimento de Deus, a saber, a teologia afirmativa, o método apofático ou teologia negativa, e a teologia simbólica. A teologia afirmativa trata-se de elucidar conceitos que afirmam, as propriedades constitutivas da natureza divina, a partir de realidades sensíveis, tal especulação não se refere especificamente sobre a natureza em si, mas daqueles atributos que, encontrados nas criaturas, parecem ser predicáveis dele por certa congruência, portanto obedece uma ordem descendente, segundo o esquema neoplatônico.

A teologia negativa, apofática (do grego *apophasis*, “negação”) é um método de linguagem que se propõe conhecer Deus aplicando-lhe proposições que o negam todo predicado concebível. De acordo com Pierre Hadot, “disso deveria resultar logicamente que a teologia negativa negasse a própria divindade do seu objeto, pois se trataria ainda de uma determinação concebível”. (Cf. HADOT, Pierre. (2014) p. 217). De todo modo, a teologia negativa trata-se de uma linguagem que segue o caminho inverso de todas as doutrinas da tradição. Iniciará negando de Deus o que é próprio das criaturas mais ínfimas, mas que prosseguirá qual via ascendente até negar de Deus as perfeições mais elevadas das criaturas. Por este modo, descobrimos que Deus em sua absoluta transcendência, permanece-nos velado no seu mistério insondável, visto que tudo o que predicamos dele,

tomamos em última análise, da finitude de suas criaturas. Na linguagem apofática, as palavras serão sempre inaptas para desvelar a grandeza do mistério insondável. De acordo com Dionísio, Deus não é essência, nem vida, nem entendimento, nem razão, tampouco é bondade ou espírito, nem qualidade e nem sentido, de fato, Deus não é nada do que é, e nada do que não é, entretanto, Deus não é luz, tampouco trevas, se não é verdade, tampouco é erro. Deus está acima de toda afirmação e de toda negação procedentes das criaturas. Importa acentuar, no entanto, que não se trata aqui de uma contradição: negar de Deus tudo o que antes já se havia afirmado dele, muito menos uma tese ateísta de negação da existência de Deus.

O livro intitulado de *Os Nomes divinos* está distribuído em treze capítulos, esse deve ser considerado o mais longo dos tratados do *corpus dionysianum*, nele se examina os nomes mais significativos atribuídos à divindade da Escritura. A tese central da obra consiste em demonstrar absoluta transcendência de Deus com respeito a todos os seres e, portanto, na sua incognoscibilidade e inefabilidade. Conforme Dionísio, o apofatismo é a via mais idônea para alcançar a união da alma com Deus, essa via também chamada de via negativa, consiste em privar o nome divino de todos os atributos afirmativos, isto é, de toda a linguagem simbólica e nominal. Conforme essa doutrina, Deus na sua transcendência e permanência não tem nome. Mas Ele é a causa produtora de todos os seres e pode ser celebrado com todos os nomes.

O Opúsculo intitulado, *A Teologia Mística*, considerado o mais breve dos escritos de Dionísio no *Corpus*, dedicado predominantemente, como diz seu próprio título, à exposição da doutrina mística, nele Dionísio pretende demonstrar que a união da alma com Deus é uma experiência que prescinde de qualquer atividade sensorial e intelectual. O método apofático utilizado por Dionísio, na escrita desta obra, visa antes de tudo, revelar a trajetória do espírito em busca de transcendência por meio de uma linguagem que utiliza proposições negativas. Nesse sentido, a validade da linguagem na teologia negativa põe a suma divindade acima de qualquer afirmação e negação de toda palavra e pensamento, afirma que Deus aparece aos que adentram a escuridão da sua incognoscibilidade e identifica o conhecimento que se pode ter de Deus com a sua ignorância. O silêncio é a via propícia para conhecer a divindade. Deus é nada.

Na segunda parte da *teologia mística*, Dionísio, considera a escuridão mística como expressão da ignorância humana a respeito de Deus. O autor interpreta o ingresso nas trevas como a falta absoluta de palavras e pensamentos para expressão a experiência mística, enfatizando a transcendência de Deus mediante o conhecimento dos objetos sensíveis e a toda conceituação inteligível. De acordo com Bernard McGinn (2012), Dionísio utiliza o termo *henôsis* e outros termos relacionados a união mística de forma diversificada na obra, mas não explica detalhes sobre a natureza da união, nem a contextualiza. Entretanto fica claro que esta união com Deus

deve ser pensada em termos de divinização que, ultrapassa a compreensão noética da realidade divina. Nesses termos, “o vocabulário místico do Areopagita é determinantemente novidade para filosofia medieval, embora mantenha vinculações com dois outros termos-chave da filosofia antiga: a *Theoria*, uma questão central em toda mística patrística grega, esse termo pode ser traduzido por contemplação em referência a vida do filósofo em oposição a vita ativa, pois para Dionísio, *theoria* ou contemplação, estava enraizada no próprio Deus, à medida que o nome positivo *theos* era tido como derivando de *theasthai* – contemplar. *Theoria* é a habilidade de contemplar a Tearquia e através da hierarquia da criação. O outro termo a que se refere Dionísio é o *ekstasis*, no grego *ek-stasis* literalmente “estar fora” do verbo *existemi* (sair de) um conceito menos tradicional, mas ainda assim importante, pois aparece apenas raramente no *corpus*. O êxtase realiza essa ruptura radical através do poder do amor, o *eros* divino, implantado no mundo através do êxtase de Deus”. Cf. MCGINN, Bernard, 2012, pp. 263-264.

Lê-se o trecho do *Capítulo I de Teologia Mística*

O que é a Treva Divina.

O Trindade superexistente, ó superDeus, ó superótimo norteador da teosofia dos cristãos, elevanos à sumidade superdesconhecida e superluminosa e sublimíssima das revelações místicas, onde os mistérios simples, absolutos e imutáveis da teologia são revelados na treva superluminosa do silêncio que ensina ocultamente. [A treva] superesplende na mais profunda obscuridade que é supermanifesta e superclaríssima. Nela tudo refulge, e ela superpleniza com os esplendores dos superbens espirituais as inteligências espirituais. Assim sejam minhas orações. Mas tu, meu caro Timóteo, dedica-te intensamente às visões místicas deixa de lado as sensações, as operações intelectuais, todas as coisas sensíveis e inteligíveis tudo o que existe e que não existe, para te unires com Aquele que está acima de todo ser e de todo conhecimento; no teu abandono irrestrito absoluto e puro ao raio superessencial da treva divina esquece-te de tudo, e, de tudo esquecido, deixa te conduzir para o alto.

Cuida para que nenhum dos não-iniciados ouçam. Falo daqueles que permanecem prisioneiros das realidades, que supõem nada existir de modo superessencial acima dos seres, que presumem conhecer com a própria sabedoria "Aquele que fez da treva seu esconderijo". Se as iniciações divinas vão além de suas capacidades, o que dever-se-ia dizer a propósito dos menos iniciados, daqueles que definem a Causa transcendente de tudo através dos seres inferiores, e afirmam não ser Aquela de fato superior às ímpias e múltiplas representações por eles forjadas. Enquanto Causa de tudo, aplicam-se lhe todas as afirmações positivas dos seres; todavia, enquanto a tudo transcende,

é mais apropriado negar-Lhe todos esses atributos. Não devemos julgar que as negações se oponham às afirmações: [a Causa universal], estando acima de toda negação e afirmação, está igualmente acima das privações. Cf. PSEUDO, Dionísio Areopagita. A teologia Mística. Tradução do grego por Mario Santiago de Carvalho, Medievalia, Porto, 1996, 27-118.

De acordo com Sávio Campos “quando negamos a Deus as perfeições que encontramos nas criaturas, não queremos privá-lo destes atributos, mas salientar que Ele está infinitamente acima de todas as coisas. Em outras palavras, queremos mostrar que toda afirmação ou negação feita a partir de uma concepção humana, fica além ou aquém da causa única, que está além de todas as nossas categorias ou predicacões”. A própria razão humana que se reconhece inapta diante do absoluto, o imutável. “Cumprir ponderar, ademais, que a negação tem aqui uma função peculiar, pois trata-se não de uma negação privativa, mas de uma negação de excelência, querendo mostrar o quão abaixo estão os nossos conceitos de transcendência divina”. (Cf. CAMPOS Sávio, 2015, p.05).

A teologia negativa sustenta-se na tese de que tudo o que se pode afirmar de Deus, não é Deus. Na prática, essa corrente teológica se caracteriza como princípio crítico de toda a teologia. Em algum momento, a teologia negativa foi denominada de apofática porque se fundamenta no fato de que Deus está acima de todas as categorias e descrições humanas e, por isso, argumenta que, ao afirmar que Deus não é, diz-se, portanto, o que ele é verdadeiramente. A apófase não nega Deus, apenas nega ou interroga a possibilidade de atribuir a Deus caracteres positivos ou determinados.

Deus é absolutamente transcendental, por isso, nada se pode averiguar racionalmente sobre a sua natureza que é inefável. “E assim a teologia negativa se apresenta como uma afirmação absoluta da transcendência divina. O próprio Dionísio caracteriza o seu método como a passagem do descenso da teologia afirmativa à ascensão da teologia negativa”. (Cf. CAMPOS Sávio 2015, p.06). Dessa forma, o Pseudo-areopagita inaugurou, portanto, um método que terá muita importância histórica: “afirmar de Deus todas as perfeições puras, tal como existem na realidade conhecida pelo homem; negar que existam nele na mesma forma; e atribuir a Deus, um grau eminente, todas as perfeições” (*Ibidem*, p. 06).

Dionísio parece defender a absoluta incognoscibilidade de Deus, a exemplo dos Padres da Capadócia. É verdade que Deus transcende, em absoluto, o nosso saber, e por esta razão é conhecido, antes pelo silêncio e o não-saber do que por meio de afirmações da razão humana. Sem dúvida, para Dionísio, a negação é preferível à afirmação, pois a negação se ordena mais direta e positivamente ao inefável e, nos socorre do risco sempre presente de confundirmos Deus como alguma de suas criaturas. À medida que vamos abandonando as coisas sensíveis e aproximando-nos

das realidades suprassensíveis, a nossa linguagem vai se tornando inapta, até ao ponto de termos que renunciar a toda fala para apropriarmos do silêncio, isso se dá porque, unindo-nos a Deus, encontramos-nos absorvidos no mistério da divindade. Trata-se, desta feita, daquela ignorância mística que não se dá por falta de conhecimento, mas por excesso dele. Na concepção de Dionísio, é nesta ignorância que se encontra, paradoxalmente, a mais sublime ciência:

“Quanto mais olharmos para cima, mais os discursos se contraem pela contemplação das coisas inteligíveis; assim também agora ao penetrarmos na treva superior do intelecto já não encontramos mais discursos breves, mas uma total ausência de palavras e de pensamentos. Ao contrário, descendo de cima para baixo o discurso se dilata na proporção da descida; agora, todavia, elevando-se de baixo para cima, contrai-se na proporção da subida, tornando-se propriamente mudo, para unir-se totalmente ao inefável”. (Cf. Teologia mística, p. 156).

CONCLUSÃO

A matriz teórica e linguística da mística especulativa está na escola de Plotino no Século II. O neoplatonismo de Plotino configura os elementos de uma filosofia mística que serve de base para os sistemas filosóficos da Idade Média. Com efeito, uma obra especificamente de Teologia Mística só vai aparecer no século V, com Dionísio Pseudo-Areopagita, que podemos considerar uma escrita canônica diante das diversas doutrinas filosófica-teológicas medievais. A doutrina mística dionisiana deu origem a uma vasta literatura no medievo, seus traços fundamentais, cuja presença se prolongará de modo muito profundo na teologia mística posterior e nas versões filosóficas modernas da mística, sobretudo, na mística de São João da Cruz e Teresa D’Avila. O texto, A Teologia Mística, diz respeito aos degraus correspondentes para a subida contemplativa e, também especular sobre a natureza da henôsis, no ápice da *theoría*, entre a inteligência e o Uno. A mística contemplativa visa atingir a estrutura do espírito, reflexão e silêncio, degraus da ascensão mística, natureza do Absoluto e a linguagem do inefável.

Dionísio foi um dos mais fascinantes teólogos da cristandade. A razão desse mérito se dá não apenas pelo fato de ter exercido influência entre os mais destacados teólogos da Idade Média, a saber, Tomás de Aquino, mas também influenciou a teologia moderna, de acordo com Carlos Arthur, Dionísio gozava de uma autoridade semelhante a Agostinho de Hipona. A sua filosofia se ocupa em definir a natureza de Deus e as possibilidades e impossibilidades de nomeá-lo adequadamente. O núcleo de seu pensamento reside em saber como Deus é conhecido, uma vez que está além das capacidades cognitivas e, portanto, descritivas do ser humano.



RESUMO

A mística, no seu mais estrito sentido do termo nos aponta para a experiência do inefável, daquilo que transcende a todo dizer objetivo. Ora, aquilo que transcende a todo dizer objetivo é o próprio Deus que, enquanto causa de tudo o que é, de todo dizer e compreender, é ele mesmo incausado, inapreensível na totalidade do seu ser. O fundamento da mística consiste num instinto da alma que procura evadir-se para além da divisão íntima do ser para alcançar uma união. As especulações místicas neoplatônicas, no geral, consistem em afirmar que a alma é influenciada pelas características ontológicas daquilo pelo que ela se orienta, portanto quando se orienta pela sensível ela não se alcança a si mesma, a alma se realiza a si mesma quando orienta-se pelo divino. Essa orientação da alma em busca de sua plenitude se dá pela interiorização a qual proporciona ao filósofo a união com o seu Deus, porque d'Ele emana a fonte verdadeira da luz.

Palavras Chaves: linguagem apofática, Deus, Dionísio, uno



ATIVIDADES

Pesquisar sobre a mística renana alemã de Mestre Eckhart e fazer a relação com a Teologia mística de Dionísio Pseudo-Areopagita, em seguida produzir um texto de três páginas.

Site da Revista - Princípios - UFRN

<http://www.periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7384>



PRÓXIMA AULA

Voluntarismo na filosofia medieval

REFERÊNCIAS

- PSEUDO, Dionísio Areopagita. **A teologia Mística**. Tradução do grego por Mario Santiago de Carvalho, Medievalia, Porto, 1996, 27-118.
- MCGINN, BERNARD. **As fundações místicas das origens ao Século V**, Tomo I. Tradução de Luís Malta Louceiro, São Paulo, Paulus, 2012.

VANNINI, Marco. **Introdução à Mística**. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo, Loyola, 2005.

SUDBRACK, Josef. **Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto**, São Paulo, Loyola, 2007.

MESTRE ECKHART, **Sermões Alemães**. Tradução e introdução, Enio Paulo Giachini, revisão da tradução Marcia de Sá Cavalcante. 2ª ed., Petrópolis RJ, Vozes, 2009.

VAZ, Henrique. C. Lima. **Mística e Filosofia – Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CAMPOS, Sávio Laerte Barros. **O Deus Abscôndito**. Acessado em http://filosofante.org/filosofante/?mostra=pag_db&gid=22&label=filosofante.org